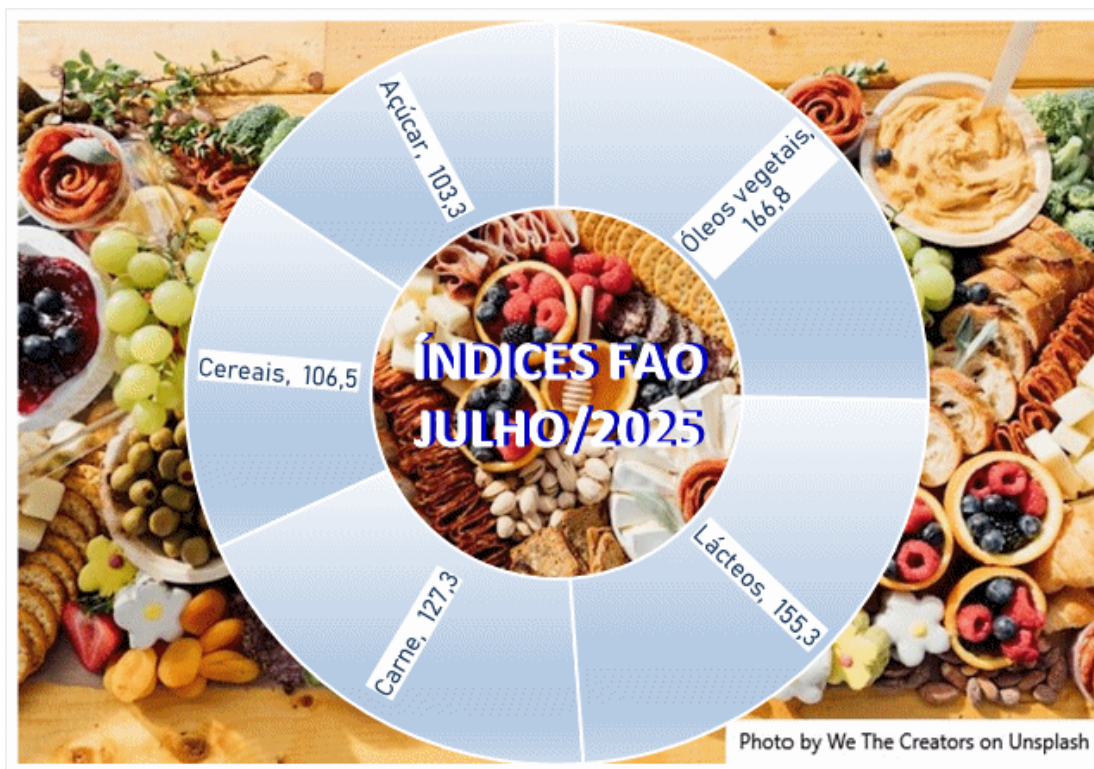


O Índice de Preços dos Alimentos da FAO sobe em julho



O FFPI chegou à média de 130,1 pontos em julho de 2025, aumento de 1,6% em relação ao mês de junho, impulsionado pela alta dos preços internacionais da carne e de óleos vegetais.

Apesar desse aumento, o Índice FAO dos Preços de Alimentos (FFPI), que acompanha os preços mundiais de gêneros alimentícios, continua 18,8% inferior ao nível recorde de março de 2022, embora tenha subido 7,6% em relação ao valor de julho de 2024.

Em julho, a alta dos índices dos preços da carne e de óleos vegetais compensou a queda dos índices dos cereais, dos produtos lácteos e do açúcar, divulgou o relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), nesta sexta-feira.

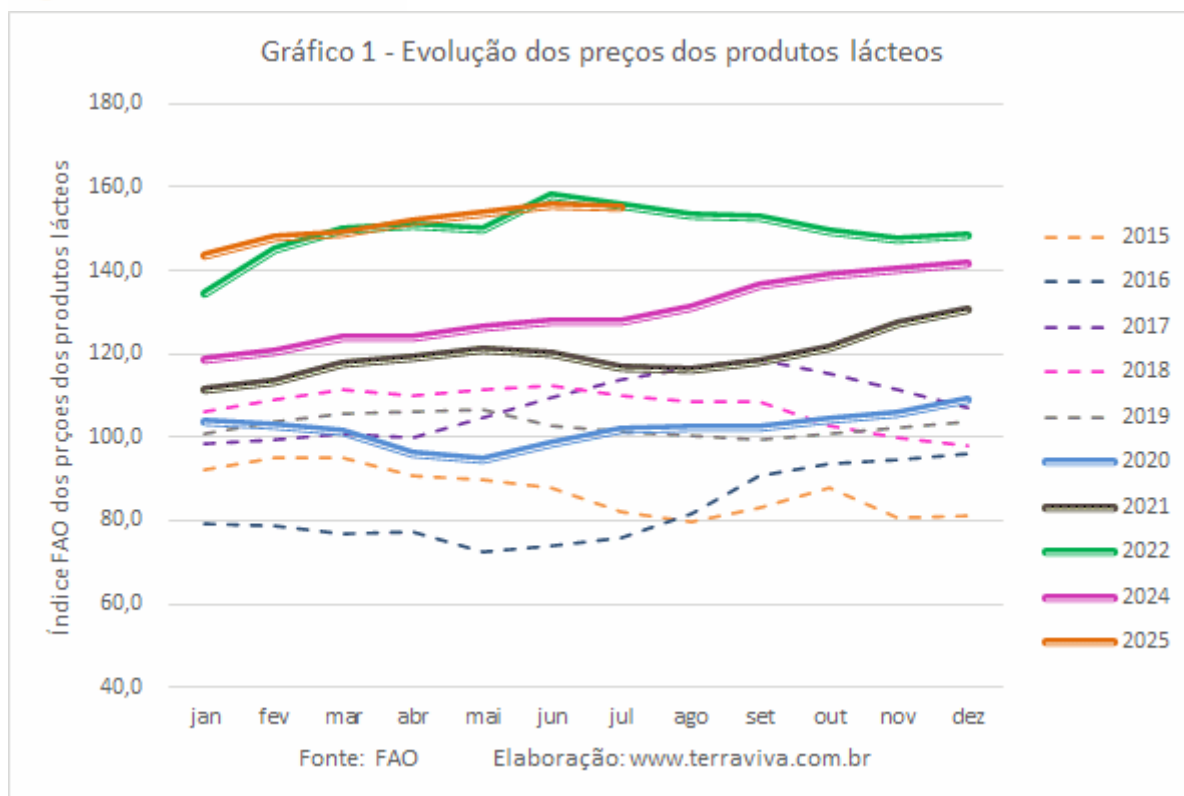
O **Índice FAO dos produtos lácteos** caiu 0,2 pontos (0,1%) em relação ao mês de junho, atingindo 155,3 pontos, mas 21,5% acima do seu valor em julho de 2024. O declínio marginal foi o primeiro recuo desde abril de 2024. Os preços da manteiga e do leite em pó diminuíram diante das elevadas disponibilidades exportáveis e a fraca demanda de importação, em particular na Ásia. No sentido inverso seguiram os preços internacionais do queijo que continuaram subindo em decorrência da demanda sustentável dos mercados asiáticos e do Oriente Médio, em um cenário de estoques exportáveis reduzidos na União Europeia. O índice de preços da manteiga caiu 1,1%, marcando o primeiro declínio em seis meses, impulsionado principalmente por cotações mais fracas na Oceania, onde houve aumento da produção e dos estoques.

No entanto, os preços firmes da manteiga na União Europeia (UE), sustentados pela disponibilidade restrita de creme e forte demanda, contiveram uma queda generalizada.

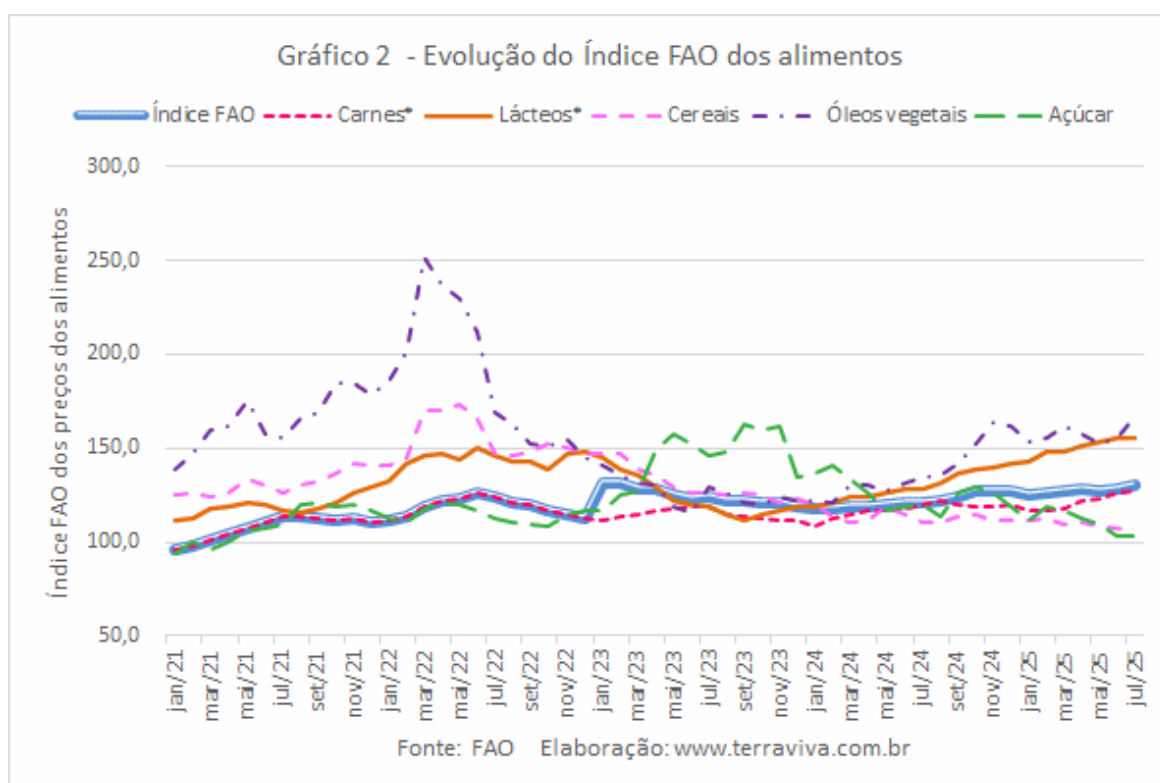
Os índices do leite em pó integral e desnatado continuaram caindo como reflexo das amplas ofertas de exportação da Oceania e demanda de importação moderada, particularmente da China e de outros importantes mercados asiáticos.

No sentido contrário foram as cotações dos queijos, que subiram impulsionados pela demanda sustentada dos mercados asiáticos e Oriente Médio, simultaneamente aos baixos estoques na UE.

Apesar disso, é preciso destacar que os aumentos foram parcialmente limitados por cotações mais baixas na Oceania e nos Estados Unidos da América (EUA).



Além dos produtos lácteos, caíram os preços de açúcar e cereais, -0,2% e -0,8%, respectivamente, na comparação com o mês de junho.



O índice FAO do preço do açúcar chegou ao valor médio de 103,3 pontos em junho, caindo 0,2% em relação ao índice de junho. Foi a 5ª queda mensal consecutiva. A recuperação da produção mundial esperada para 2025-2026, especialmente do Brasil, Índia e Tailândia, pressionou os preços para baixo. Mesmo assim, sinais de uma recuperação da demanda mundial de importação limitou uma queda mais acentuada.

O Índice FAO dos preços dos cereais atingiu a média 106,5 pontos em julho, queda 0,8% em relação ao mês de junho. Os preços mais baixos do trigo e do sorgo contrabalançaram a alta do milho e da cevada. As colheitas sazonais do trigo em curso no Hemisfério Norte empurraram os preços para baixo; no entanto, as condições adversas para o trigo de primavera em certas áreas da América do Norte sustentaram um pouco os preços. O índice FAO de preços de todos os tipos de arroz recuou 1,8% diante da grande quantidade disponível para exportação e a fraca demanda importadora.

O Índice FAO de óleos vegetais atingiu a média de 166,8 pontos em julho, o que representa uma alta considerável de 7,1% em relação ao mês anterior, chegando ao maior nível em três anos. A alta se explica pelo aumento das cotações dos óleos de palma, de soja e de girassol.

No caso do óleo de palma, isso se deveu à firme demanda mundial e maior competitividade, enquanto os preços do óleo de soja foram impulsionados pelas fortes perspectivas da demanda de biocombustíveis nas Américas. Os preços do óleo de girassol subiram em resposta à oferta restrita de exportação na região do Mar Negro. Por outro lado, os preços do óleo de

colza caíram devido à chegada de novas safras na Europa.

O Índice FAO de carnes atingiu a média de 127,3 pontos, 1,2% a mais em relação a junho e o maior nível já registrado. A alta se explica pelo aumento dos preços da carne bovina e ovina, sustentadas pela forte demanda de importação, particularmente da China e dos Estados Unidos da América (EUA). Os preços da carne de aves também subiram levemente sob o efeito da retomada das importações de muitos mercados chaves uma vez que o Brasil recuperou o status de país livre da gripe aviária. Os preços da carne suína, por outro lado, caíram, refletindo a ampla oferta e a demanda global mais fraca, especialmente na UE.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: FAO – Tradução livre: Terra Viva